

# A CONCEPÇÃO EDUCACIONAL DE CÉLESTIN FREINET – TRABALHANDO COM HISTÓRIA DAS IDÉIAS PEDAGÓGICAS

## *CÉLESTIN FREINET AND HIS EDUCATIONAL CONCEPT- WORKING WITH HISTORY OF EDUCATIONAL IDEAS*

Alessandra ARCE<sup>1</sup>  
Michele Cristine da Cruz COSTA<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo, a partir dos estudos realizados por Dermeval Saviani e por André Petitat, tem por objetivo apresentar uma análise da concepção educacional presente na obra de Célestin Freinet. O presente trabalho pretende assumir uma dimensão “arqueológica”, mostrando como Freinet dialogou com o seu tempo e confrontou-se com a problemática tanto social como educacional de sua época.

**Palavras-chave:** Célestin Freinet; Escola Nova; História das idéias pedagógicas.

### ABSTRACT

*The aim of this article is to analyze Freinet's educational concept based on the theoretical works of Dermeval Saviani and André Petitat. In order to achieve this objective this article works with the idea of showing how Freinet was a man of his time, and emphasizes how he confronted social and educational issues in his time.*

**Keywords:** Célestin Freinet; Progressive Education; History of Educational Ideas.

Este artigo integra os trabalhos de pesquisa realizados para a conclusão da dissertação de mestrado intitulada *A Centralidade da Prática Pedagógica do Professor na atividade*

*do aluno em Célestin Freinet - Continuidade ou ruptura em relação aos ideais do Liberalismo e da Escola Nova?* Objetiva-se, a partir dos estudos realizados por André Petitat e por Dermeval

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: <alessandra.arce@gmail.com>.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Mestrado Escolar pela FCLAR/UNESP. Este trabalho conta com apoio financeiro da FAPESP, sob a forma de bolsa de Mestrado. E-mail: <mi\_usp@yahoo.com.br>.

Saviani, apresentar uma análise da concepção pedagógica de Freinet, bem como discutir um caminho metodológico para realização desse tipo de investigação. Para tanto, este texto apresenta-se subdividido em três partes: a primeira parte, intitulada “Petitat e Saviani: um olhar histórico e social para a compreensão da proposta pedagógica de Célestin Freinet”, apresenta alguns dos fundamentos teóricos da pesquisa realizada; “O Itinerário intelectual de Freinet e sua proposta pedagógica no cenário da primeira e segunda guerras mundiais” expõe como o autor e sua obra são frutos de seu tempo histórico; a terceira parte, “As raízes sociais e políticas da proposta pedagógica de Célestin Freinet”, discute suas propostas educacionais a partir de sua filiação temporal, política e social, e, por fim, apresentam-se alguns questionamentos necessários para se pensar o autor e sua obra, bem como pesquisas no campo da História das Idéias Pedagógicas.

#### **PETITAT E SAVIANI: UM OLHAR HISTÓRICO E SOCIAL PARA A COMPREENSÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE CÉLESTIN FREINET**

Para trabalharmos com pesquisa educacional no campo histórico-crítico, precisamos contrapor-nos ao espírito que paira em nosso tempo, ou seja, a sedução de centrar teorias no empiricismo empobrecedor do campo teórico. Faz-se, portanto, necessária a postura de crítica e compreensão da noção de que a teoria é independente da realidade ou de que a empiria prescinde do campo teórico.

Buscamos, assim, a fundamentação metodológica para este trabalho que, contrapondo-se à predominância pragmática hegemônica, não só permita uma aproximação sempre crescente à complexidade do fenômeno em estudo, como também um conhecimento que possa apreender a complexidade social que determina o fenômeno e que, portanto, está além dele.

O trabalho no campo da História das Idéias Pedagógicas encontra-se em construção, entretanto alguns caminhos metodológicos já foram traçados. Este trabalho pauta-se na discussão metodológica empreendida por Saviani (1998; p.117-119, 1999; p.10-11) como sendo fundamental para um trabalho dentro de uma perspectiva histórico-crítica em história da educação:

1. *Caráter concreto do conhecimento histórico-educacional:* ou seja, reconstruir e explicitar por meio de ferramentas conceituais a totalidade das relações reais que envolvem o fenômeno educacional, demonstrando o quanto o objeto de estudo - as concepções a respeito do homem e da educação de Freinet - expressa da complexidade das relações e determinações que se fazem presentes na sociedade capitalista de sua época;
2. *Perspectiva de longa duração:* Saviani afirma, ao trabalhar com as idéias de Gramsci, que esse ponto é importante para distinguirmos os movimentos orgânicos (estruturais) dos conjunturais, pois, para captar os movimentos que ocasionam mudanças estruturais necessitamos um período relativamente amplo da história. No nosso caso, estaremos trabalhando com o século XVIII e XX para entendermos melhor o pensamento dos autores, historicizando-o de uma maneira mais clara, bem como sua pertinência ou não nas idéias educacionais brasileiras do mesmo período. “Além da motivação teórica, esse enfoque de longa duração se justifica também por razão prática, isto é, como antídoto à estreiteza de horizontes que tem marcado a trato da questão em nosso meio [...]” (SAVIANI, 1998; p.118).

3. *Olhar analítico-sintético no trato com as fontes*: “Impõe-se o exame atento das fontes disponíveis abrangendo as suas diversas modalidades e articulando-as sincronicamente e diacronicamente de modo a não deixar escapar as características e o significado de fenômeno investigado”. (SAVIANI, 1999, p.11).
4. *Articulação do singular e do universal*: “Trata-se aqui de não apenas se evitar tomar o que é local ou nacional pelo universal e vice-versa, mas também de detectar em que grau o local ou o nacional constituem expressões de tendências que se impõem internacionalmente” (SAVIANI, 1999, p.11)
5. *Atualidade da pesquisa histórica*: “Trata-se, antes, da própria consciência da historicidade humana, isto é, a percepção de que o presente se enraíza no passado e se projeta no futuro. Portanto, eu não posso compreender radicalmente o presente se não compreender suas raízes, o que implica o estudo da gênese.” (SAVIANI, 1999, p.11)

Esses princípios metodológicos foram aqui adotados em conjunto com a discussão feita por Petitat, que auxiliou na inserção do trabalho de Freinet em seu tempo histórico.

Em sua obra *Produção da Escola/Produção da Sociedade*, Petitat (1994) realiza uma análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos no decorrer da história da educação, principalmente no cenário francês. E, para realizar tal análise, o autor parte da classificação da educação como um fenômeno que faz parte da superestrutura do sistema capitalista. Dessa forma, todo o percurso educacional deve ser observado, analisado e compreendido

conjuntamente com uma análise ideológica, política, econômica e social da época.

A tese defendida por Petitat é a de que podemos acompanhar ao longo do estudo da história da educação uma nítida contradição presente no sistema educacional desde seu início. Essa contradição dá-se pelo fato de que a burguesia não pode abrir mão da propriedade privada do conhecimento, mas, por outro lado, em muitos momentos tem que fornecer conhecimento para a população com o intuito de atender os interesses econômicos e evitar o caos social.

Petitit mostra que, a partir do século XVIII, a cultura escolar para o povo apresenta-se cada vez mais acentuada como uma cultura de dependência, uma cultura de integração política e ideológica, de reprodução dos ideais da burguesia. Logo, a contradição que marca a sociedade capitalista desde a Revolução Francesa, de que há a necessidade de educar as massas ao mesmo tempo em que a escola oferecida apresenta qualidade duvidosa, intensifica-se. A ameaça da perda da propriedade privada exercida sobre o conhecimento pela burguesia poderia implicar a perda da propriedade privada dos meios de produção e, por conseguinte, a superação do sistema capitalista. Não estamos, em hipótese alguma, atribuindo de forma idealizada poder à educação para alterar a sociedade: apenas destacamos que o acesso a uma educação que de fato socialize o conhecimento acumulado pela humanidade traria benefícios às camadas populares e aos excluídos sociais.

Ao longo da história da educação, a escola não cumpre o papel de uma instância de transmissão de conhecimento, de saber, de tecnologia como demandam as funções profissionais previstas. O que ela faz é distorcer as necessidades profissionais, formando, no capitalismo, mão de obra barata para o capital. Nesse sentido, a escola configura-se como espaço que fornece aos indivíduos uma espécie de conformação cultural da classe à qual o indivíduo pertence.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Esta discussão é abordada também nas obras de Saviani em seus livros *Escola e Democracia* (SAVIANI, 1995) e *Pedagogia Histórico-Crítica* (SAVIANI, 1997).

Petitát ressalta, ainda, que a igualdade de oportunidade numa sociedade desigual é um argumento contraditório, irreal:

A ideologia de igualdade das oportunidades escolares apóia-se sobre as bases reais, e comporta diversos significados. No século XIX, podia ser confundida como igualdade de tratamento ou igualdade formal perante a escola: a gratuidade, a obrigatoriedade escolar, a neutralidade religiosa, a homogeneização diante das instituições e da cultura. Podia significar ainda igualdade nas condições externas da competição escolar. É aqui que se constata que a redução da desigualdade de oportunidade em uma sociedade desigual é um objetivo contraditório, que não consegue oferecer mais do que compensações. (PETITAT, 1994, p.6)

Esse discurso de igualdade de oportunidade, de progresso, de democracia é estratégia utilizada pela classe dominante para mostrar que o sistema vigente oferece oportunidades iguais a todos.

Para Petitát (1994), evidenciar a participação da escola na lógica de reprodução da sociedade através da história significa esclarecer as contradições do presente e romper com o imobilismo da mera reprodução, tentando unir a produção da escola e a produção de uma nova sociedade.

A sustentação da burguesia no poder, no topo da hierarquia social, só acontece mediante uma poderosa dominação ideológica; por isso é necessário trabalharmos com a camada popular no sentido de realçarmos os verdadeiros ideais da burguesia e as contradições geradas na sociedade por meio dos seus ideais.

Ao longo do seu texto, Petitát (1994) mostra que na escola, como na sociedade, os indivíduos são divididos em dois grupos e as informações e os conteúdos a eles destinados

variam de acordo com o grupo ao qual cada indivíduo pertence.

O papel ideológico da escola, assim, é visto como papel de reproduzidor de contradições, como reprodução da dicotomia entre trabalho manual e intelectual. Petitát diz que em ambas as categorias é difundida uma ideologia única, mas em duas versões distintas e complementares: “uma destinada aos futuros proletários e outra aos futuros líderes” (Petitát, 1994, p.24). Ora, a problemática da reprodução da realidade educacional mascara a verdadeira lógica da escola no sistema capitalista e, por meio dessa idéia, Petitát afirma que:

A história da escola poderia ser resumida a uma adaptação de suas virtudes de integração ou de recurso ou de reforço do poder dominante. Mas nem a criação das primeiras escolas técnicas superiores, nem o surgimento do humanismo moderno são totalmente explicitados por este esquema (PETITAT, 1994, p. 36)

Dito isso, pretendemos mostrar que a educação e a escola não podem ser compreendidas fora de uma análise da estrutura do sistema vigente. Petitát mostrou, ao longo de sua obra *Produção da Escola/ Produção da Sociedade*, que a ação pedagógica é inseparável de uma seleção mascarada ou aberta, de conteúdos simbólicos e de práticas pedagógicas. E, desse modo, pretendemos defender a importância de que toda proposta pedagógica deve ser analisada de forma que seja inserida e vista dentro do contexto histórico, político, econômico e cultural no qual ela foi produzida. Assim como as escolas, as propostas pedagógicas selecionam também conteúdos, métodos, avaliação, corpo docente, grupo social ao qual pretendem atingir e os objetivos a serem alcançados com sua implementação. Nessa lógica, ao analisarmos cada proposta educacional de forma minuciosa, veremos se tal proposta tem

o objetivo de dar continuidade ou romper com a lógica de reprodução. E é dessa forma que Petitat, ao analisar a evolução escolar, principalmente a Francesa, convida-nos a analisar a proposta pedagógica de Célestin Freinet, um homem de origem humilde, que viveu e produziu em um período histórico de imensa importância - entre as duas grandes guerras mundiais - e deu origem à proposta de uma pedagogia popular.

Por meio de seus apontamentos da evolução educacional, Petitat fornece-nos instrumentos para realizarmos uma releitura crítica, histórica da proposta e da prática pedagógica presentes nas obras de Freinet. Verifica-se, desse modo, se elas estão arraigadas no materialismo histórico ou se são reduzidas a uma proposta que, ao ser analisada a fundo, pode ser enquadrada como mais uma que carrega um discurso revolucionário, mas na realidade não faz nada mais do que colocar velhos vinhos em novas garrafas. Contudo historicizar os processos pedagógicos e educativos torna-se uma forma de desvendar as mediações, as contradições, os conflitos dentro dos quais a proposta se constitui. Nesse ponto, Petitat e Saviani convergem para um mesmo caminho no trato com as idéias pedagógicas, ou seja, ao se estudarem autores, suas obras e sua difusão não se pode deixar de buscar interfaces e filiações que expressam o tempo histórico que as marca. O itinerário das idéias pedagógicas de um autor deve ser percorrido olhando-se para o seu contexto social, econômico, político e cultural. A proposta pedagógica de Freinet só pode ser compreendida se entendermos a sua própria trajetória enquanto educador, que ocupa uma determinada classe social e que se posiciona explicitamente a favor de uma classe específica, enquanto um militante do Partido Comunista Francês e do Sindicato dos Professores. Se a sua obra não for analisada com a intencionalidade de desvendar por inteiro sua concepção e seus ideais, ela corre o risco de ser entendida e incorporada de forma fragmentada e linear.

Ao trabalharmos nesse âmbito de investigação histórica, rompemos com a adoção de uma visão que trate a história como algo

linear, e limitada a traçar biografias laudatórias de autores e suas obras, conseqüentemente levando-nos a uma visão, que poderíamos classificar de ingênua, das propostas e das práticas pedagógicas, pois elas se tornam etéreas ao serem desmembradas de seu tempo. Concordamos com Petitat quando afirma que a cultura, o saber e o conhecimento universal não se originam do acaso e muito menos de imposições arbitrárias ou de adoções ingênuas. Todas as propostas têm intenções e objetivos bem claros que necessitam ser evidenciados. Assim, todas as propostas educacionais devem ser analisadas à luz de seus efeitos ideológicos e de suas relações com a esfera do poder político e social. Nesse sentido, a compreensão da proposta pedagógica de Freinet não pode atender qualquer lógica de sociedade, pois ela traz consigo objetivos bem claros: seu discurso posiciona-se claramente contra a dominação e doutrinação da lógica capitalista. Ao adotarmos o caminho metodológico apontado por Saviani, acreditamos ser coerentes com uma pesquisa histórica que não deixa para segundo plano o arcabouço de acontecimentos e idéias que alicerçam as proposições teóricas de um dado autor.

### **O ITINERÁRIO INTELECTUAL DE FREINET E SUA PROPOSTA PEDAGÓGICA NO CENÁRIO DA PRIMEIRA E DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Célestin Freinet inicia sua carreira docente em 1920, em uma pequena escola de Bar-Sur-Loup (Alpes Marítimos), acompanhado apenas de sua maleta. Oficial participante da primeira Guerra Mundial, testemunha de seu horror, carrega consigo um profundo amor e respeito pelas crianças, pois sua inexperiência pedagógica não lhe permitiu outros requisitos. Com o passar dos dias atuando nessa escola, Freinet foi negando o ensino tradicional por comprovar que ele é falho “exigindo das crianças atitudes passivas e amorfas” (Freinet, 1978, p.23). Cabe ressaltar que a negação da educação nos moldes

tradicionais não é pionerismo de Freinet<sup>4</sup>, pois vários educadores (Montessori, Decroly, Claparède, Dewey, etc) o vinham fazendo desde o início do século XX.

Em 1924, ele dá início à técnica da imprensa na referida Escola, proporcionando aos alunos a divulgação de suas produções textuais, por meio de jornais e intercâmbio inter-escolar. Essa produção de textos não contava com nenhuma interferência direta dos adultos, eles somente auxiliavam quando eram solicitados, pois assim acreditava-se estar possibilitando que as crianças fossem autores de seus pensamentos e produções. Freinet rompia, assim, com qualquer espírito adestrador que acompanhava a “antiga” concepção pedagógica por ele combatida.

Aos poucos, Freinet divulgava timidamente suas experiências pedagógicas e conquistava alguns discípulos, os quais almejavam e lutavam pela implantação e solidificação da proposta de uma pedagogia popular. Em 1926, Freinet publica a primeira edição do livro *História do rapazinho na montanha*, dando início, mais tarde, a uma coleção que acompanharia sua prática pedagógica durante vinte anos.

No final de 1928, Freinet passa a lecionar em Sant-Paul, encontrando no local todos os tipos de dificuldades escolares, exemplificadas na pobreza da escola, e, principalmente, no descaso do presidente da câmara com as reivindicações feitas por ele, fatos que acabaram impedindo, assim, a execução de sua prática pedagógica.

Diante de tantos conflitos e perseguições, a partir de 1933 Freinet entra em uma luta incessante para ampliar e consolidar seus laços com o sindicato, seus discípulos e os pais dos alunos. Segundo Freinet, para superar essa crise de ordem pedagógica, fazia-se necessário:

Dedicar-nos-emos a empenhar a criança os pais os educadores numa tarefa de cujo alcance emancipador têm de se perceber para estarem melhores preparados para levar a cabo uma luta urgente em todos os domínios, social, sindical e político, para dar pão e cuidar aos filhos dos trabalhadores. (FREINET, 1978, p.42)

O autor acreditava que, para conseguir o apoio necessário para superação dessa crise pedagógica, as pessoas necessitavam compreender o verdadeiro significado da educação, enxergando-a como algo mais amplo do que as paredes da escola, percebendo que a função educativa está atrelada à condição econômica, social e também psicológica das crianças. É extremamente necessário que, para a execução de uma pedagogia popular, o professor seja um verdadeiro militante das causas educacionais, integrando a pedagogia às grandes correntes políticas e sociais. A proposta pedagógica de Célestin Freinet, que nasceu na pequena cidade de Bar-sur-Loup, tomou a partir de então um novo rumo, conseguindo espalhar-se por centenas de aldeias e centros urbanos.

<sup>4</sup> Luzuriaga, ao descrever o período em que o movimento da Escola Nova ganhou força, e em que Freinet se encontrava exercendo a profissão de professor, o faz apontando que, no período de 1870 a 1919, não só o mundo viu o nascimento dos autores pertencentes ao movimento, como deles recebeu as obras mais marcantes da Escola Nova: “Em um único decênio, entre 1909 e 1919, publicaram-se algumas das obras mais importantes da educação nova: *O Método da Pedagogia Científica*, de Maria Montessori e a *A Psicologia da Criança*, de Claparède, em 1909; *O conceito da escola do trabalho*, de Kerschensteiner, em 1912; *Escola e Cultura Juvenil*, de Wyneken, em 1913; *Democracia e Educação*, de Dewey, em 1916; *Idéias modernas sobre as crianças*, de Binet e *O Método de Projetos*, de Kilpatrick, em 1918. Finalmente, acrescentamos mais algumas coincidências, em outro decênio, o de 1870 a 1880, viu nascer grande parte dos representantes da educação nova, poderíamos falar do ponto de vista dos nascimentos em uma ‘classe de 1870’. Assim Maria Montessori e Paul Geeheb nasceram em 1870; Decroly e Heinrich Scharrelman, em 1871; Willian Kilpatrick, em 1872; Claparède, em 1873; Glockel, em 1874; e Lombardo-Radice e Ferrière, em 1872. Estas coincidências não são naturalmente gratuitas. Esses homens chegaram à maturidade intelectual, no início do século, quando houve uma mudança significativa na atmosfera espiritual e pedagógica e, por sua vez, acabaram por influenciar a mesma ao mesmo tempo em que eram por ela influenciados. Os que vieram depois encontraram grande parte do caminho já traçado e não precisaram fazer muito mais do que segui-lo, acrescentando suas próprias contribuições.” (LUZURIAGA, 1961:25).

Com a explosão da Segunda Guerra Mundial, Freinet é exilado e percebe que é o momento de colocar no papel todo o seu amadurecimento pedagógico, pois, ao longo dos vinte anos como um professor totalmente dedicado à centralidade da atividade na criança, realizando uma pedagogia dinâmica que exprime a vida e seus entusiasmos, não poderia deixar de contribuir com a psicologia e pedagogia mundial. Então escreve as obras: *A educação do trabalho*, *A experiência portentativa* e *Ensaio de psicologia sensível*.

Quando Freinet, em 1941, consegue sua liberdade provisória, depara-se com a reforma do ensino, que ignorou todo o processo de luta e a sua proposta pedagógica. Cheio de boa vontade, Freinet vai ao encontro de seus apoiadores para ajudá-los a combater o discurso da Escola Nova, que revigorava a reforma do ensino. Suplicava, assim, para que as pessoas desconfiassem do verbalismo da pedagogia nova, que não estaria preocupada com a educação das camadas populares. Embora Freinet adotasse em sua pedagogia algumas máximas do escolanovismo<sup>5</sup>, o autor criticava o movimento por considerá-lo elitista, descomprometido com as camadas populares.

Freinet coloca toda a sua esperança no pedido que faz a seus apoiadores, para que continuassem com a sua proposta, realizada ao longo desses vinte e cinco anos, pedindo que não desanimassem diante de tais caminhos espinhosos, convidando-os a construir um mundo melhor. Isso tudo só seria possível se, assim como seus apoiadores, outros homens continuassem a apoiar os pioneiros dessa proposta, visando a uma educação que estivesse ligada ao trabalho, à cooperação, não deixando

jamais de lado o tatear experimental. Freinet consegue esse apoio e ainda hoje, início do século XXI, encontramos escolas que buscam seguir a metodologia desenvolvida pelo autor, e, por ironia do destino, tais escolas (ao menos no Brasil) não estão destinadas às camadas populares. Freinet, ao adotar a essência do Movimento das Escolas Novas, marcadamente liberal, marca sua pedagogia com a visão liberal de homem; portanto fica-nos a questão: é possível pensar em uma educação voltada às camadas populares, partindo-se de pressupostos liberais?

### **AS RAÍZES SOCIAIS E POLÍTICAS DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE CÉLESTIN FREINET**

Ao tentar implementar uma proposta pedagógica que busca romper os resquícios de uma educação que possa dar continuidade à exploração e à desigualdade social proporcionada pelo sistema capitalista, ou seja, ao resolver romper com o processo de reprodução social presente no meio educacional, Freinet comprou uma imensa briga de cunho político e ideológico com a burguesia francesa, que viu seus ideais ameaçados.

A escola Francesa, enquanto instituição destinada à socialização dos indivíduos e à formação de um consenso social, situa-se no nível da superestrutura, como é mostrado por Oliveira (1995) e Petitat (1994). Dessa forma, qualquer proposta pedagógica que foge à regra das diretrizes do capital torna-se uma ameaça aos interesses dos dirigentes sociais da França. Freinet, sendo um educador que se mostrou ao longo de toda sua trajetória educacional um

<sup>5</sup> Essas máximas são: a criança e seu desenvolvimento passam a ser o centro do processo educacional; a espontaneidade infantil deve ser preservada a todo custo por meio do simples guiar, pelo educador, das forças espirituais imanentes da criança; a atividade como ponto central de toda a metodologia de trabalho, atividade que deve sempre centrar-se nos interesses e necessidades da criança, respeitando seu ritmo natural de desenvolvimento. A educação escolar deve ser, portanto, ativa. Não por acaso os métodos escolanovistas foram chamados de métodos ativos. Juntamente com isso vemos a apologia das atividades manuais e práticas, imprescindíveis tanto para o desenvolvimento intelectual quanto para o desenvolvimento moral. Faz-se a substituição do uso da disciplina exterior pelo cultivo da disciplina interior, assim como a troca de um mínimo de matéria escolar pelo máximo de possibilidades de desenvolvimento das habilidades e capacidades de cada criança com a ajuda do trabalho, amor e alegria.

militante do Partido Comunista Francês (PCF), engajado no sindicato ao lado de docentes revolucionários, repletos de idéias progressistas, vai tomando consciência de que o ensino público desempenha o papel de reprodução dos interesses burgueses e a sua luta passa a ser no sentido de que haja uma mudança radical na estrutura da escola pública e concomitantemente na estrutura social (FREINET, 1978).

Há uma neutralidade relativa: a dos pedagogos que escondem suas escolas novas no bosque ou nas montanhas, longe das aldeias, longe sobretudo das cidades. Ali, eles tentam fazer dos seus alunos Homens puros e fortes, que constituirão, futuramente, o fermento da vida e moralidade a ser introduzida num mundo efervescente [...]. Prefiro de longe outra educação: aquela mais difícil, porém mais fecunda, de uma escola inteiramente mesclada à vida. (FREINET, 1930, p.414-415)

Desejando profundas modificações sociais, Freinet dedica todos os seus esforços à causa de uma educação para o povo, mas isso não indica que Freinet não tenha claro qual o papel da escola do sistema social. Em seu livro *Para uma Escola do Povo*, o autor mostra que a escola no séc. XIX, a instrução do povo, na França, tornou-se uma necessidade econômica:

O capitalismo triunfante institui, portanto, a escola pública, a qual foi, pelo menos por um tempo, adaptada aos objetivos específicos que tinham motivado seu surgimento. Não se trata, no fundo - quaisquer que fossem as teorias e os discursos dos acadêmicos idealistas - de elevar o povo, senão de prepará-lo para preencher com mais eficiência e racionalidade as tarefas que o maniqueísmo lhe ia impondo. Ler, escrever, contar, tornavam-se as

técnicas de base sem as quais os proletários não eram nada a não ser um operário medíocre. Da mesma forma que os rudimentos da literatura, da geografia da história, da ciência e da moral deveriam aperfeiçoar a adaptação do indivíduo ao estreito limite do seu quadro econômico. (FREINET, 1996, p.13)

Tendo claro que a escola, mesmo universalizada, é uma escola de classe e visa servir a ordem social burguesa, ela não é, e jamais será, o motor do progresso. Freinet pretendia dar sua parcela de contribuição à população desfavorecida, fazendo com que, dentro da velha escola classista liberal, nascesse uma proposta pedagógica que permitisse à escola ser um espaço de afirmação das crianças das camadas populares. Ele incorporava ao mesmo tempo uma crítica em relação ao papel da escola enquanto reprodutora em uma sociedade capitalista, enquanto mantinha acesa a esperança de uma escola para o povo como uma instituição de luta, um espaço concreto de formação de indivíduos críticos.

O pensamento marxista forneceu, ao longo da vida do autor, base para sua compreensão da sociedade e fortalecimento de seus compromissos com a camada popular. O partido oferece para Freinet um espaço rico de ação, viabilizando ferramentas para uma poderosa oposição frente ao pensamento liberal burguês. De acordo com Oliveira (1995), no Partido e no Sindicato o pensamento do Freinet encontrou apoio e base para resistir às pressões e perseguições que acompanharam sua prática pedagógica.

De acordo com Freinet, Élise (1978), o contato com as obras de Marx e Lênin, o dinamismo do pensamento dialético reforçam a sua recusa em relação ao pensamento positivista. Toda a prática educacional do autor traz a presença de uma relação dialética entre professor e aluno, a realidade da escola, dos problemas vivenciados na sala de aula com a realidade social Francesa.



Freinet esforçava-se para mostrar aos alunos que a escola encontra-se dentro da sociedade, e que a estrutura social francesa evidencia como é sua estrutura educacional. Esse é um dos pontos pelos quais Freinet critica a Escola Nova, pois, para ele, a Escola Nova é, em primeiro lugar, classista, cercada de luxo e artificialismo, que, ao mesmo tempo, pretende formar crianças autônomas e livres das amarras da escola tradicional, mas acaba formando crianças adestradas<sup>6</sup>.

Para o autor, a imposição da tentativa de implementar o método escolanovista na escola pública não passa de uma hipocrisia, pois

Freinet percebe então que há uma educação nova relativamente fácil de ser implementada nas escolas que possuem material educativo e instalações escolares capazes de possibilitar a atividade da criança e a individualização do ensino. mas na escola de Bar-sur-Loup, o problema é bem diferente. A lembrança da sua salinha de aula, nua e poeirenta, vem lhe à memória e aperta-lhe o coração... Ele toma ainda mais consciência da dependência estreita que une a escola e o meio, do quanto a sociedade condiciona a escola e o ensino. Não há pedagogia sem que sejam preenchidas as condições econômicas favoráveis que permitem a experimentação e a pesquisa. Não há educação ideal, só há educação de classes (FREINET, 1978, p.26)

Outro ponto que distancia Freinet dos ideais da escola nova é a forma pela qual os escolanovistas vêem as crianças, pois, para eles, a criança é um ser abstrato. Já para Freinet a criança é um ser concreto, que tem uma inserção histórica e que é concretamente marcado

pelo meio social. De acordo com Oliveira, para Freinet “servir as crianças, neste sentido, significa servir sua classe e contribuir para o seu fortalecimento” (OLIVEIRA, 1995, p.125)

Os ideais da Escola Nova mascaram a realidade da sociedade concreta; assim, de acordo com Élise Freinet (1979), Freinet condena as várias tentativas da escola nova de erigir, fora do mundo concreto da criança, escolas preservadas da realidade social, dos conflitos sociais, pois essa postura não permite que as crianças desenvolvam uma consciência crítica participativa, como muitos escolanovistas almejavam.

Ao entrar em contato com autores que fazem parte do movimento da Escola Nova e conhecer algumas realidades escolares que aderiram a tais ideais, Freinet fica mais convicto de que a implementação da escola do povo tem que ser totalmente desvinculada de qualquer forma de idealismo, e sua proposta pedagógica tem que ter como base concreta o meio em que as crianças vivem, para construir juntos ferramentas que possibilitem mudanças concretas nesse meio.

Freinet reconhece as limitações da escola, sabe que não cabe a ela mudar a realidade social, mas acredita que, por meio da implementação de uma proposta pedagógica para o povo, ele e seus seguidores podem lutar na tentativa de formar indivíduos críticos e cientes das mazelas oriundas do sistema capitalista. Assim também podem levar a comunidade daquela escola, por meio da vivência em cooperativas<sup>7</sup> a ter tal conscientização e incorporar-se à luta por uma nova sociedade.

O que Freinet realmente pretende, na sua prática educativa, é proporcionar, por meio de sua militância política e educacional, ferramentas para a contestação da sociedade; conseqüentemente, buscar-se-ia a

<sup>6</sup> Freinet refere-se, nessa argumentação, especificamente ao método montessoriano. Ver Élise Freinet (1978).

<sup>7</sup> A proposta pedagógica de Freinet contou com duas formas de cooperativa: a cooperativa em sala de aula, onde as ações e técnicas visavam ao trabalho mútuo, e a cooperativa local, que foi construída com ajuda dos habitantes e tinha para ele uma conotação política muito forte, que é munir os camponeses contra a opressão do sistema capitalista. Ler Élise Freinet (1979).

transformação do sistema educacional público, e a sua proposta de uma pedagogia para o povo seria um caminho.

De acordo com Oliveira:

Freinet não pretende (o que seria uma atitude idealista) transformar primeiro a consciência dos alunos, fazer deles revolucionários, para que depois atuem na escola e na sociedade. Pretende, ao contrário, dentro dos limites concretos existentes, mudar as condições materiais nas quais se dá o ato educativo. Só a partir desta mudança – intencionalmente dirigida – é que pode surgir uma nova práxis, e desta práxis uma nova consciência transformadora. (OLIVEIRA, 1995, p. 145)

A proposta pedagógica de Freinet, assim como sua prática, está alicerçada no movimento dos trabalhadores organizados durante as duas grandes guerras. O autor traz o socialismo como sua bandeira de trabalho pelo e para o social por meio da escola. Critica o movimento escolanovista, embora seja influenciado por ele em sua concepção de educação e mesmo de desenvolvimento infantil. Freinet produz e trabalha em uma era marcada por incertezas, sangue e destruição, e, assim como os colegas que critica (os escolanovistas), busca uma educação que auxilie a construção de uma sociedade melhor. Como esses colegas, Freinet vê a Escola Tradicional como o malévolos poder a domesticar e adestrar crianças, em especial das camadas populares. Como os “camaradas” do partido, deseja tomar as crianças “revolucionárias”, futuras detentoras da mudança social necessária. Nesse ponto, perde sua tentativa de atrelar a pedagogia ao seu contexto social e econômico, acabando por também abraçar o abstrato e o ideal. Sua proposta, embora receba influências socialistas, também recebe alicerces liberais. Contraditório em vários âmbitos, trouxe contribuições para os embates no campo das idéias pedagógicas e

este artigo não pretendeu explorá-las à exaustão, mas apenas enunciar um caminho de investigação do âmbito histórico profícuo e necessário para tempos onde a morte de Clío foi decretada.

## REFERÊNCIA

ELIAS, Marisa. Del Cioppo. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. 2<sup>o</sup>.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FREINET, Célestin. *La vie à l'école russe*. Paris. L'école Émancipée, avr. 1930.

FREINET, Célestin. *Para uma Escola do Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREINET, Célestin. *Pedagogia do Bom Senso*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREINET, Élise. *Nascimento de uma Pedagogia Popular*. Tradução: Rosália Cruz: Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

FREINET, Élise. *O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na Pedagogia de Freinet*. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

LUZURIAGA, L. – *La Educacion Nueva*. 6. ed. Buenos Aires: Losada, 1961.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon. *Célestin Freinet: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógicas*. Rio de Janeiro: Papeis e Cópias de Botafogo, 1995.

PETITAT, André. *Produção da escola/produção da sociedade: uma análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Tradução Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. 30<sup>o</sup>. ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, D. O debate teórico e metodológico no campo da História e sua importância para a pesquisa educacional. In: SAVIANI, D; LOMBARD, J. C. & SANFELICE, J. L. *História e História da Educação*. Campinas: Autores Associados/ HISTEDBR, 1998.

SAVIANI, D. História das idéias pedagógicas: reconstruindo o conceito. In: FARIA FILHO, L.

M. (ORG). *Pesquisas em História da Educação: perspectivas de análise, objeto e fonte*. Belo Horizonte: HG edições, p. 9-24, 1999.

Recebido em 31/1/2008 e aceito para publicação em 19/3/2008.

